



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **Produção do conhecimento nas pesquisas etnográficas em educação: a utilização dos métodos mistos**

Autor: Adriane Matos de Araujo; Coautor: Aline Menezes de Barros;

Orientador : Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro, [adrianematosaraujo@gmail.com](mailto:adrianematosaraujo@gmail.com) )

**Resumo:** Este texto busca refletir sobre a utilização dos métodos mistos nas pesquisas em educação, especialmente na pesquisa de abordagem etnográfica. A metodologia utilizada é de natureza teórico-bibliográfica e conjuga reflexões a partir do Relatório Final da pesquisa Tecnologia Digital e Pesquisa Etnográfica (MATTOS, 2015) e das discussões coletivas, desenvolvidas pelos membros do NetEDU. Segundo Mattos (2011) a etnografia é um processo de aprendizagem que informa sobre formas de ver e agir o mundo. A medida em que se entende a etnografia como tal, e se aplica os seus princípios na educação, podemos nos tornar reflexivos sobre as nossas práticas, e de modo geral, modificamos as mesmas a partir desse processo. Compreende-se que a utilização dos métodos mistos em educação amplia a possibilidade de testagem e análise dos dados facilitando a compreensão do leitor. A etnografia pode ser entendida como uma forma interpretativa no âmbito das relações inter-étnicas que se propõe a realizar os sinais significativos e, assim, perceber as diferenças e os limites grupais.

Palavras chave: Métodos Mistos, Etnografia, Educação, Tecnologia

### **Introdução:**

Este texto busca refletir sobre a utilização dos métodos mistos nas pesquisas em educação, especialmente na pesquisa de abordagem etnográfica. A utilização dos métodos mistos como opção metodológica tem crescido em inúmeros campos do conhecimento (DAL-FARRA E LOPES, 2013), inclusive na área da educação, possibilitando a melhoria dos seus resultados. Tomou-se aqui por exemplo a pesquisa do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU) intitulada: Tecnologia Digital e Pesquisa Etnográfica (MATTOS, 2015).

Nesse texto, explicitaremos como a conjugação dos métodos quali-quantitativos podem ampliar as possibilidades de coleta dos dados facilitando a compreensão do leitor, e



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

colaborando para a validação de dados quantitativos e ampliando a generalidade de dados qualitativos. (AZEVEDO, COLOGNESE, ULSAFAR, 2011, p.5). Para clarificar, vamos dialogar sobre elementos da pesquisa de abordagem etnográfica, que faz uso de métodos mistos, apresentando algumas reflexões de (ERICKSON, 2004) e (MATTOS, 2004, 2011, 2013).

### **Metodologia:**

O presente artigo é de natureza teórico-bibliográfica e conjuga reflexões a partir do Relatório Final da pesquisa Tecnologia Digital e Pesquisa Etnográfica (MATTOS, 2015) e das discussões coletivas, desenvolvidas pelos membros do NetEDU e do Grupo de Pesquisa Etnografia e Exclusão em Educação, ambos ligados a UERJ. Para embasamento teórico trataremos a pesquisa de abordagem etnográfica sobre a perspectiva de (ERICKSON, 2004) e (MATTOS, 2011).

O NetEDU é composto por um grupo de pesquisa diversificado, pois congrega estudantes do Ensino Médio, Graduação, Pós-Graduação e professores da Educação Básica e Ensino Superior. As discussões realizadas nos encontros semanais foram subsidiadas pelas leituras prévias dos textos selecionados e a sistematização dos principais pontos. As discussões em grupos ocasionam debates e reflexões sobre os aspectos metodológicos que devem ser levados em conta em uma pesquisa educacional. As reflexões foram iniciadas com as atividades desenvolvidas no Seminário de Pesquisa, realizado na UERJ, no segundo semestre de 2014.

Após a leitura, os textos eram apresentados pelas coordenadoras do grupo de pesquisa, professoras Doutoras Carmen Lúcia Guimarães de Mattos e Wálcea Barreto Alves. O grupo de pesquisa, no período do 2º semestre de 2014, era composto por 20 pesquisadores, entre eles: professores do ensino básico, professores da graduação e pós-graduação, alunos bolsistas e voluntários da graduação, alunos da pós-graduação e alunos do ensino médio. O grupo se desmembrou em quatro pequenos grupos que se debruçaram sobre o estudo da etnografia digital para colaborar com os estudos da



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pesquisa intitulada: Tecnologia Digital e Pesquisa Etnográfica (MATTOS, 2015).

Concluindo a explanação do texto, os grupos se reuniam para discutir as principais questões, apresentando seus relatórios de atividades, formulando perguntas e respostas, que eram produzidas e discutidas nos seus grupos e posteriormente compartilhadas com todos os envolvidos, possibilitando o crescimento mútuo, permitindo análises diversificadas e favorecendo a reflexão sobre a tecnologia e a etnografia em educação, e em especial a etnografia digital

Após a explanação do estudo cada grupo tinha como tarefa produzir um pequeno artigo sobre o tema que mais lhe despertasse o interesse, possibilitando a verificação das impressões dos alunos sobre o que foi o estudo. Dessa forma, este texto surge como uma tentativa de ampliar a temática de maior interesse das autoras, ou seja, a junção de métodos quantitativos e qualitativos na pesquisa etnográfica.

Pautaremos nossas análises teóricas nos seguintes autores: Löwy (2009), Günther; Elali e Pinheiro (2008), Denzin; Lincoln (2011). Espera-se com esse texto contribuir com a discussão na etnografia. No que tange a etnografia nossas reflexões estão pautadas nas obras de Mattos (2004, 2011, 2013) e Erickson (2004).

### **Resultados e Discussões:**

Historicamente a área da educação questiona as pesquisas quantitativas pela sua associação ao positivismo, ou seja, a forma de conceber a realidade que de acordo com Löwy (2009): “Surge, em fins do século XVIII – princípio do século XIX, como uma utopia crítico-revolucionária da burguesia antiabsolutista, para tornar-se, no decorrer do século XIX, até os nossos dias uma ideologia conservadora identificada com a ordem (industrial/burguesa) estabelecida”. (LÖWY, 2009, p.20). Para Bourdieu, no caso do Brasil a crítica aos métodos positivistas é particularmente fortalecida pela influência de pesquisadores franceses e americanos na formação dos quadros de pesquisadores dos anos 1970. (MONTAGNER, 2008)



O modelo positivista parte do princípio que o mundo é natural, considerando assim o que está sendo visto, é que há pouca preocupação com a história. Ao considerar o real, o modelo de conhecimento científico segue o modelo da ciência exata, objetivando alcançar a totalidade do fenômeno, através da objetividade do conhecimento. Pretende-se isolar todas as condições exteriores, subjetivas e produzir o conhecimento científico, puro, verdadeiro e único.

A objetividade do conhecimento é criticada por Löwy (2009), para o autor a sociedade não pode ser vista como um objeto de modelos físico-naturais, mas ao contrário, é fundamental se basear no princípio das contradições sociais e históricas, pois ao ignorarmos tais contradições, não investimos no pensamento crítico reflexivo.

As pesquisas em educação não podem seguir essa forma de produção do conhecimento, uma vez que é impossível desconsiderar a realidade social e histórica, acredita-se que: *“a escolha do essencial não pode ser neutra; um dos principais problemas da ciência social é precisamente a determinação dos aspectos essenciais de um fenômeno”* (LÖWY, 2009, p.49). Baseados nessa premissa, entende-se que mesmo a busca pela objetividade é marcada por fenômenos subjetivos, que implicam na forma de produzir a pesquisa e nos resultados alcançados.

Löwy (2009) propõe a importância de o pesquisador assumir sua ideologia, pois não é possível se despir de valores e conceitos, como o positivismo prega. Não há como produzir conhecimento sem valores. Não há uma distinção entre as ciências humanas e as ciências naturais, há um espaço cognitivo de intermediação, ou seja, uma zona de transição que as relaciona e as influencia mutuamente.

Nesse sentido, pensar em método de pesquisa é pensar o caminho para se aproximar do objeto de estudo (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008), esse caminho interfere diretamente nas análises e no conhecimento que será produzido. Dessa forma,



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

podemos nos questionar sobre as vantagens de se conjugar mais de um método para estudar a mesma coisa.

Para Günther; Elali e Pinheiro (2008) cada uma das abordagens quando utilizadas de forma isolada é incompleta, de forma que ao conjugar métodos diversos de pesquisa, especialmente quantitativos e qualitativos, tem se maior possibilidade de realizar um estudo mais completo, pois cada método incide sobre um aspecto determinado. De forma que, afirmam os autores, ao cruzar as informações dos métodos “quanti e quali” existe a possibilidade de cruzar aspectos específicos identificados em ambas abordagens e realizar um trabalho holístico.

Certos da concepção de subjetividade e da ideologia do pesquisador, acreditamos que não existe conhecimento neutro, seja nas ciências humanas, seja nas exatas. A produção do conhecimento em qualquer área deve estar pautada em pressupostos teórico-metodológicos firmes, que permitam ao pesquisador a identificação do ponto de partida da pesquisa, do/dos caminho (s) percorrido (s) e os resultados alcançados.

É importante salientar que na elaboração do conhecimento existem vários critérios e cada indivíduo usa aqueles que respondem as suas questões, as suas ideologias, ao modo de se relacionar consigo, com o mundo e com o conhecimento. São possíveis os critérios de gênero, raça, economia, cultura, entre outros.

Dessa forma, cabe ao pesquisador decidir se prefere utilizar um único método ou se prefere percorrer mais de um caminho, permitindo a construção de um caminho mais aprofundado (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008). Para os autores ao fazer essa escolha é fundamental a formação do pesquisador e o conhecimento claro das dimensões subjacentes ao objeto de estudo.

A etnografia tem sido muito utilizada nas pesquisas em educação. O trecho abaixo traz a definição sobre o conceito.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A etnografia, embora marginal, marca sua presença como abordagem de pesquisa ou como epistemologia do conhecimento sobre as relações e interações humanas. E, desse modo, permite a aproximação do olhar desse sujeito social, sobre: as diferenças em agir e pensar, as relações com o outro; e, as impressões que possui e que impõe ao mundo que o cerca. (MATTOS, 2015, notas de aula).

Pensa-se marginal porque não se é usada com frequência, pensa-se como epistemologia do conhecimento sobre as relações e interações humanas porque se propõe a ouvir a fala, o discurso, o modo de pensar a partir da postura do outro e de como ele pensa ou compreende sua realidade para fins de produção de conhecimento. Percebe-se que a etnografia abre espaço para receber e perceber as pessoas como elas são.

Na visão de Cardoso (1971) o conhecimento é uma construção teórica. E quando a realidade é muito maior que a teoria, ou seja, quando a teoria não dá conta do real, ela rompe com a anterior. Nesse sentido, o fato científico é da ordem do teórico e não do real. É a descontinuidade com o todo teórico anterior. Porém, ela diz que a ruptura não elimina a verdade anterior, trata-se de um campo específico que a teoria anterior não pode mais se aplicar. Enquanto que, na visão de um etnógrafo, segundo as análises de Erickson (2004), ele leva para o campo um ponto de vista teórico juntamente com um conjunto de questões, explícitas ou implícitas. A perspectiva e as questões podem mudar no campo, mas o pesquisador tem uma ideia base, a partir da qual inicia a investigação. Entendendo que, é melhor tornar o processo de pesquisa reflexivo para informar e dar força a intuição ao invés de enrijece-la. No decorrer da investigação e da escuta do outro deve-se levar em consideração quatro aspectos: do caráter particular, do âmbito geral, do significado social daquela fala e do significado daquela ação social. A descrição densa que compõe a etnografia e a torna uma narrativa das ações que estão acontecendo, com o destaque que o etnógrafo está inserido na ação, descrevendo a realidade em que é participante.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Na pesquisa etnográfica, o tema é relevante para o sujeito pesquisado e não somente para a pesquisa. A pesquisa etnográfica não prova, demonstra fatos; permite surgir as vozes. Na perspectiva etnográfica, pesquisar não é denunciar, não é intervir, mas descrever, conhecer, entender. A etnografia gera documentos e não somente lida com eles enquanto dados.

Para exemplificar melhor, pode-se pensar uma pesquisa dentro de uma determinada escola. Um grupo de pesquisa com abordagem etnográfica ao entrar em uma escola, apresenta um projeto de pesquisa piloto e inicia o trabalho de observação participante (o participante como protagonista da pesquisa, imersão na cultura do local por longo período de tempo, com busca de eventos típicos e atípicos), filmagem, fotografia e demais instrumentos com intuito de analisar o campo. Durante o trabalho de análise e coleta de dados, percebe-se, em conjunto com a escola, que há uma demanda de uma outra temática fora do projeto proposto. A partir daí, o projeto proposto, inicialmente, sofre alterações porque o tema é relevante para o sujeito pesquisado, o sujeito é a prioridade, ouvi-lo, percebe-lo é tarefa fundamental para o etnógrafo. Na perspectiva de Madison (2005) esse processo chama-se de etnografia performativa que visa à modificação do grupo que pode acontecer a partir das propostas tragas pelo próprio grupo.

Ao pensarmos que a etnografia tem por um dos seus objetivos gerar documentos para a pesquisa, percebe-se em Mattos (2004), a importância que há no registro audiovisual e o quão importante é ter um olhar mais detalhista e menos relativista a esses registros, que ficam a disposição do pesquisador como forma de uma revisão de trabalho realizado e colhido durante a pesquisa de campo.

Em Erickson (2004), entende-se que a interação face a face requer uma análise minuciosa, trata da questão das ocasiões sociais, como identificar de que lugar a pessoa está falando e de como identificar que tom está sendo utilizado. Em suas análises, o autor chega a uma questão maior: Que repertório utilizar para obter uma interação



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

efetiva? A partir daí o artigo se propõe a responder essas questões através da microetnografia feita por antropólogos e através de estudos sobre a coerência do discurso feita por linguistas.

O autor fala também sobre a RSI (Registro de Som e Imagem), com esse registro é possível ampliar as possibilidades de análise do pesquisador, mais do que a capacidade cognitiva humana pode alcançar. Dessa forma, pode-se captar informações que antes não seria possível captar. Ele fala também sobre o RAV (Registro Audiovisual), essa forma de registro amplia as possibilidades de análise comportamental, como por exemplo, se o comportamento do ouvinte está funcionalmente relacionado ao comportamento da fala do interlocutor. Esse processo colabora com o observador do campo a recordar e a refletir nas ações e falas ocorridas. O importante é analisar o todo, atentar-se para a forma global da ação e então depois para as formas comportamentais. Na sequência, sugere uma revisão geral do material sem interrupção e diz que deve ser documentado quais os focos que são importantes a serem investigados a luz dos objetivos da pesquisa. Nesses locais deve se estabelecer um código de tempo que possibilita o pesquisador retornar ao evento e aprofundar suas análises.

Diversos aspectos podem fazer parte da análise do pesquisador, desde um simples olhar a um movimento do corpo, depende do foco que o observador escolhe dar em sua pesquisa, por esse motivo, Erickson (2004) detalha em estágios essas possibilidades. Percebe-se que o autor chama de transcrição vocal e não vocal o ato do observador transcrever a fala, os movimentos e os comportamentos de acordo com o foco escolhido e documentado, o intuito desse tipo de transcrição é mostrar a relação de um com o outro naquele momento. Para ele, o uso da RSI tem a flexibilidade de verificar as imagens com diversos mecanismos: de trás pra frente, em diferentes velocidades, sem som, só com imagem ou vice-versa. Outra proposta é ao fim da análise





das transcrições cronológicas e comportamentais, passar para análise do comportamento com uma ação significativa, ou seja, a interpretação dos dados.

Em outro momento, é apresentado alguns princípios que devem ser levados em conta: a coocorrência que diz respeito quando gestos e palavras se fundem e há uma comunicação anunciada. Outro princípio de análise que deve-se buscar entender é que as regras acontecem de acordo com o momento e como isso acontece deve ser analisado. Por exemplo, quando uma professora fala: “Não posso falar com todos falando ao mesmo tempo”. Pode ser uma sanção num dado momento e em outro não. E por último, a normalização das formas ambíguas que são: palavras, comunicações e eventos do dia a dia que podem ser interpretados de formas diferentes dependendo da idade ou do grupo. Tudo isso precisa ser interpretado levando em conta as particularidades do contexto. Porém, normalmente as regras sociais do contexto não são claras para o observador, por isso é importante que o analista faça sessões de revisões para minimizar as incoerências.

A pesquisa de abordagem etnográfica utiliza-se do método de análise indutiva como premissa inicial de análise, ou seja, compreende que o interesse de investigação do pesquisador pode não ser o mesmo até o final. Pois, esse método exige paciência, muita espera porque os dados têm que brotar. O dado não é relevante enquanto ele não comunicar algo, tem que ser algo representativo. Os dados estão a serviço dos pesquisadores e não ao contrário. É necessário fazer muita leitura dos dados até que eles conversem com o pesquisador.

Nessa direção, percebe-se que na etnografia, agir com intensidade no início do trabalho de campo não é aconselhável. O ideal é se manter o ritmo no mesmo nível até o fim para que o pesquisador esteja atento as vozes que surjam. A metodologia da etnografia é o diálogo, conversa aberta, como oportunidade de escuta. Não se deve especular, na dúvida, mas ao contrário, confirma-se a frase declarada e pergunta-se com



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

a mesma frase o que é ou como é ou que sentido se tem, essas são formas etnográficas de agir.

Segundo Mattos (2011) a etnografia é um processo de aprendizagem que informa sobre formas de ver e agir o mundo. A medida em que se entende a etnografia como tal, e se aplica os seus princípios na educação, podemos nos tornar reflexivos sobre as nossas práticas, e de modo geral, modificamos as mesmas a partir desse processo. Para Madison (2005) o etnógrafo crítico se move de algo que é para aquilo que pode ser. Resiste-se a domesticação. Nesse viés a etnografia reporta-se aos ensinamentos de Erickson sobre a pesquisa etnográfica e aos de Freire sobre os processos de ensino e aprendizagem. Para Mattos (2011a) a etnografia explora novos temas que tangenciam o objeto de estudo de modo a redescobrir caminhos, redefinir hipóteses e construir interpretações.

### **Considerações finais**

Compreende-se que a utilização dos métodos mistos em educação amplia a possibilidade de testagem e análise dos dados facilitando a compreensão do leitor. Tal procedimento permite ao pesquisador ampliar os resultados com maior credibilidade, uma vez que foram utilizadas mais fontes, favorecendo o entendimento do problema pesquisado. Acreditamos que o pesquisador deve contemplar suas necessidades e os objetivos da investigação, apresentando uma análise pautada em ambos elementos: quantitativos e qualitativos. Por fim, entendemos que a análise através dos métodos mistos permite resultados superiores do que uma análise uni-metodológica. (GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008). Daí a relevância da etnografia que utiliza os métodos mistos para averiguar e comprovar seus resultados. No campo de pesquisa encontram-se possibilidades para criar um novo conceito dentro de uma realidade, é como buscar reconhecer o que ainda não se sabe. Percebe-se assim, uma forma de produção de conhecimento quando se entende que um conhecimento científico trata das etapas e limites do conhecimento humano especialmente nas relações que se



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

estabelecem entre o sujeito e o objeto do conhecimento. A etnografia pode ser entendida como uma forma interpretativa no âmbito das relações inter-étnicas que se propõe a realizar os sinais significativos e, assim, perceber as diferenças e os limites grupais.

## Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Paulo Roberto; COLOGNESE, Silvio Antonio; ULSAFAR, Darcy. *Usando mix de métodos para avaliar uma trajetória de exclusão no oeste do Paraná*. Revista Tempo da Ciência (18) 35: 115-136. 1º semestre 2011.

CARDOSO, M.L. *O mito do método*. Seminário de Metodologia e Estatística. PUC/RJ: Rio de Janeiro, 1971, p. 61-100.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. *Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos*. Revista Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013.

DENZIN, Norma K.; LINCOLN, Yvonna S. *The SAGE Handbook of Qualitative Research*. Los Angeles: SAGE. 2011. Versão Kindle.

ERICKSON, Frederick. *O que faz a etnografia da escola “etnográfica”?*. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de, *Etnografia na Educação-Textos de Frederick Erickson*. 2004. p. 225- 268.

GHAGAS, i. *Metodologia de investigação educacional I – desenhos de investigação*. 2005. Disponível em: [www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/desenhosdeinvestigacao.pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/desenhosdeinvestigacao.pdf). Acesso em 30 de outubro de 2014.

GÜNTHER, H. , ELALI, G.A. e PINHEIRO, J.Q. *A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: características, definições e implicações*. In: GÜNTHER, H. e PINHEIRO, J.Q. *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Psicólogo, 2008. Disponível em: [www.psi-ambiental.net/XTextos/20MultiMetodo.pdf](http://www.psi-ambiental.net/XTextos/20MultiMetodo.pdf). Acessado em 28 de outubro de 2014.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e o positivismo na sociologia do conhecimento*. Tradução Juarez Guimarães e Suzanne Felicie Léwy. 9. ed. Rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2009.

MADISON, D. Soyini. *Staging Fieldwork/Performing Human Rights*. In: *The Sage handbook of performance studies*. EUA: Sage publications, Inc. 2005. p. 397-418.

MONTAGNER, M. Â. *Pierre Bourdieu e a saúde: uma sociologia em Actes de la recherche en sciences sociales*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2008. No prelo.

MATTOS, C.L.G. *Notas de Aula da Disciplina Etnografia e Exclusão* – Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 23/03/2015.

MATTOS, C.L.G. *Gênero e Pobreza: Práticas, Políticas e Teorias Educacionais – Imagens de escolas*. CNPq. UERJ. NETEDU: Rio de Janeiro, 2013. Relatório de Pesquisa.

MATTOS, Carmen Lucia G (Org.). *Registros audiovisuais como fonte primária de dados*. In: *Etnografia na Educação- textos de Frederic Erickson*. RJ, 2004.

MATTOS, C.J.G. CASTRO, P.A. de. (Org.). *A abordagem etnográfica na investigação científica*. In: *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-84.

MATTOS, C.J.G. CASTRO, P.A. de. (Org.). *O espaço da exclusão: o limite do corpo na sala de aula*. In: *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 117-130.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MORESI, Eduardo (Org.) *Metodologia da pesquisa*. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003. Disponível em: <[www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf](http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf)>. Acessado em: 30 de outubro de 2014.

TRÉZ, Thales de A. *Caracterizando o método misto de pesquisa em educação: um continuum entre a abordagem quali-quantitativa*. Universidade Federal de Alfenas. Revista Atos de Pesquisa em educação – PPGE/ME, v. 7, n. 4, p. 1132-1157, dez. 2012.